
Quem de facto trabalha?

Uma nova fase surge no processo da «Operação Produção», que consiste na verificação de quem de facto produz no seu posto de trabalho.

Enquanto isso se dá na capital, noutros pontos do país prossegue o enquadramento dos improdutivos, ao mesmo tempo que brigadas do Comando Central se deslocam aos locais onde os evacuados foram colocados, para se inteirarem das suas principais preocupações.

Quando a «Operação Produção» começou, os desempregados mais conscientes inscreveram-se volun-

tariamente para serem afectados em tarefas produtivas. Em alguns distritos, como é o caso de Neman-

cha, encontramos já alguns desses voluntários a trabalhar, bem instalados na companhia de suas famílias.

Entretanto, ainda na fase inicial, os que por natureza desprezam o trabalho e abraçam a vadiagem, procuraram (muitos conseguiram) documentação que os identifica como trabalhadores.

Esses, conseguiram «escapar» na fase coerciva da operação, mesmo com as «visitas» das brigadas de verificação de convulsos opera-



Aquando da inscrição voluntária de improditivos, houve preguçosos que conseguiram identificação falsa como trabalhadores, Nesta fase serão detectados

A nova fase da «Operação Produção» consiste em verificar quem de facto é útil no seu posto de trabalho



tivos às casas. Nas bichas para os cafés, embora isso tenha sido incorrecto, alguns improditivos foram detectados com cartões de trabalho falsos.

QUEM É QUEM?

A «Operação Produção» avançou e chegou ao ponto mais sério. Independentemente de ter ou não cartão de trabalho, de ter ou não um posto em determinada empresa ou repartição, o «pente fino» vai entrar mais fundo, para saber quem e como produz cada trabalhador.

Assim como aconteceu na fase voluntária de inscrição de desempregados, esta nova fase exige que, por iniciativa própria, sejam os responsáveis de cada local de trabalho a inventariar aqueles que nos seus postos, não fazem falta.

Mal encaminhados este processo pode afectar, individualmente, cer-

tas pessoas que, sem terem culpa disso, pouco ou nada fazem nas suas empresas. Refirase o caso de responsáveis que têm mais de duas secretárias e que passam a vida a limpar as unhas ou a fazer telefonemas (em alguma coisa tinham de queimar o tempo).

As brigadas de verificação passarão de empresa em empresa, de repartição em repartição. Cada indivíduo terá de dizer qual é a sua tarefa concreta. E o destino daqueles que não fazem nada, será o seu enquadramento onde de facto façam mais falta.

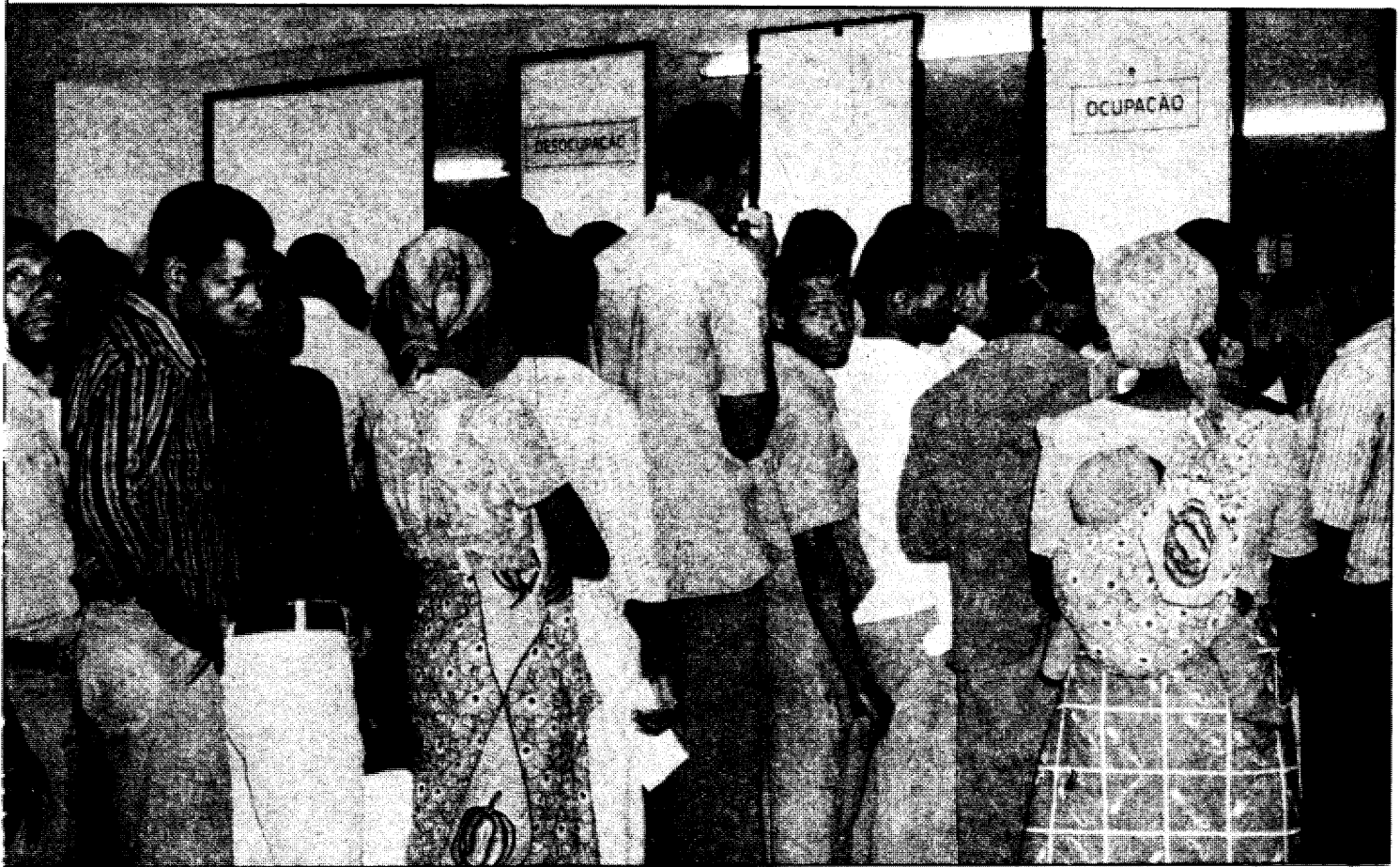
Esta espécie de «inspecção» permitirá igualmente detectar aqueles que, por amiguismo ou por suborno, passaram cartões de trabalho para pessoas que passam a vida a «contar esquinas».



Em Maputo, prossegue ainda a «Operação Produção» ao nível da habitação



Nem todos os evacuados conseguiram levar os seus haveres



Os que ocupavam casas ilegalmente, em Nampula por exemplo; fugiram à fiscalização

Aí também é possível que os improdutivos comecem a arranjar outra forma de se «safarem», como foi o caso do que aconteceu em Nampula, onde os ocupantes ilegais de imóveis da APIE abandonaram as casas antes de as brigadas chegarem para a verificação.

A experiência já adquirida ao longo de cerca de três meses de «Operação Produção», vai permitir que não sejam cometidos certos erros que ponham em causa os objectivos desta ofensiva.

Na capital, os deputados à Assembleia da Cidade, decidiram participar directamente no processo. E a sua intervenção terá um papel importante, principalmente na defesa dos interesses dos cidadãos honestos que vivem do suor do seu trabalho.

IMPRODUTIVOS COMEÇAM NOVA VIDA

Para os improdutivos, principalmente os preguiçosos que foram detectados quando se iniciou a fase compulsiva da operação, foi duro terem de ser evacuados.

Mas hoje eles estão a atravessar uma fase de transformação, começando uma nova vida. Grande parte avançou sem as suas famílias e os seus haveres.

Brigadas do Comando Operativo Central, estão a visitar os locais para onde os desempregados foram encaminhados (Nampula, Cabo Delgado e Niassa, por exemplo) para conhecer as suas principais preocupações. Alguns já estão a construir suas próprias casas e aguardam

que as respectivas famílias vão ao seu encontro.

Numa outra etapa da operação, os familiares dos que já foram afectados em tarefas produtivas no campo e que não quiseram avançar voluntariamente para lá, serão evacuados compulsivamente.

E como diria o Coronel Sérgio Vieira, Governador da Província do Niassa, numa entrevista que concedeu recentemente à Informação moçambicana, «a integração dos evacuados das cidades nas actividades económicas nas províncias, onde se sente a falta de mão-de-obra, tem um impacto positivo no desenvolvimento sócio-económico, e reforça ao mesmo tempo o sentido da Unidade Nacional».

NARCISO CASTANHEIRA